

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUC

CLEIDE BARBOSA SILVA

***A IGREJA DOS POBRES NO VATICANO II:
MEMÓRIAS DO BRASILEIRO DOM HELDER CAMARA***

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em História Sociedade e Cultura da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Yvone Dias Avelino.

SÃO PAULO

2014

CONSIDERAÇÕES E NOTA DO ORIENTADOR

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Professor _____

Nota _____

RESUMO

Silva, Cleide Barbosa da, 2014, 000 f. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo para a obtenção do título de Especialista em História)

A Igreja dos Pobres no Concílio Vaticano II

No ano de 2013 foram recordados os 50 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II(1962-1965), convocado pelo papa João XXIII. O propósito deste trabalho é conhecer a “Igreja dos Pobres”, através das memórias do bispo dom Helder Camara.

Em importância histórica, o Concílio Vaticano II é considerado para muitos historiadores o maior acontecimento na vida da Igreja. O brasileiro dom Helder Pessoa Camara foi um dos religiosos que ajudou a criar no evento, o grupo que ficou conhecido como “A Igreja dos Pobres”, expressão contida no livro “Jesus, a Igreja e os Pobres” do padre operário Paul Gauthier. Dom Helder foi um dos articuladores para que, nos documentos da Igreja e na tentativa de sua práxis se fizesse "a opção pelos pobres”.

Mantém sempre a sua validade, sobretudo para a América, a palavra do Papa João XXIII, que declarava que a Igreja, sendo Igreja de todos, quer ser especialmente a Igreja dos pobres. Na América Latina a comunhão eclesial foi influenciada, muitas vezes, por um contexto social muito complexo, que deu como resultado o nascimento das comunidades eclesiais de base e da teologia da libertação.

Palavras-chave: Igreja Brasileira, pobres, dom Helder Camara, Concílio.

ABSTRACT

Silva, Cleide Barbosa da, 2014, f. (Completion of course work submitted to the Pontifical Catholic University of São Paulo to obtain the title of Specialist in History)

The Church of the Poor at the Ecumenical II Vatican Council

In 2013 were recalled the 50th anniversary of the Second Vatican Council (1962-1965), called by Pope John XXIII. In historical importance, the Second Vatican Council is considered to many historians the greatest event in the life of the Church.

The purpose of this research is to know the "Church of the Poor" through the memories of the bishop Dom Helder Camara. The Brazilian bishop Helder Camara was a person of religious who helped create the event, the group that became known as "The Church of the Poor". Dom Helder was one of the organizers so that the documents of the Church and its practice in an attempt to make it "option for the poor."

Always keeps its validity, especially to America, that Pope John XXIII, who declared that Church, and Church of all, especially the Church wants to be poor. In Latin America ecclesial communion was influenced often by a very complex, which resulted in the birth of the Christian base communities and liberation theology social context.

Keywords: Brazilian church, poor, Dom Helder Camara, Concílio

SUMÁRIO

Introdução.....	6
Capítulo I – Concílio Ecumênico Vaticano II.....	8
Capítulo II – Dom Helder Camara.....	12
2.1 Atuação Política e Social	12
2.2 Ditadura Militar	14
2.3. Vida Religiosa Comprometida com a promoção da Vida.....	15
Capítulo III – Cartas Conciliares.....	17
Capítulo IV- Pacto das Catacumbas.....	23
Capítulo V- Contribuições do Concílio para a Igreja na América Latina	25
Considerações finais	28
Apêndice 1.....	32
Apêndice 2.....	36
Apêndice 3.....	41
Apêndice 4.....	43
Fontes e Bibliografia	44

INTRODUÇÃO

No ano de 2012, foram recordados os 50 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), convocado pelo então papa João XXIII e considerado um dos fatos mais importantes do século XX para a Igreja Católica. Na manhã de 11 de outubro de 1962, no Vaticano, 2500 bispos de 86 países iniciaram uma marcha pela Praça de São Pedro em direção à Basílica. Iniciara-se naquele momento o Concílio Ecumênico Vaticano II, assembléia religiosa que pretendia ser um marco na modernização litúrgica e doutrinal da Igreja. As decisões destes concílios foram principalmente de caráter moral e estrutural.

Em importância histórica, o Concílio Vaticano II é considerado para muitos historiadores o acontecimento maior na vida da Igreja, depois da Reforma Protestante e da Contra Reforma Católica. Os temas abordados durante o Concílio Vaticano II foram divididos em quatro sessões, de setembro a dezembro de 1962 a 1965. Durante essas sessões, houve 10 sessões plenárias públicas, sendo as demais sessões, 168 ao todo, abertas a um público restrito de observadores e ouvintes. Essas “congregações gerais” realizaram-se no salão nobre, um anfiteatro composto de duas tribunas de 190 metros de comprimento situado em frente à Basílica de São Pedro.

Outros atores participaram de perto ou de longe do Concílio. 487 peritos teólogos foram assim nomeados por João XXIII e Paulo VI para aconselhar os bispos. A estes acrescentam-se cerca de cem observadores de outras Igrejas e 42 leigos ouvintes, incluindo sete mulheres que puderam acompanhar os debates

A Igreja do Brasil chegou ao Concílio com o terceiro maior episcopado do mundo, eram 204 bispos no início do Concílio. Sabe-se que o episcopado brasileiro teve participação modesta na Aula Conciliar, nas comissões e assessoria. Apesar da pequena participação direta no Concílio, o Brasil foi o primeiro episcopado a sair do Concílio com um Plano de Pastoral elaborado, disposto a colocar em prática as orientações conciliares e adequar a Igreja do Brasil à imagem de Igreja do Vaticano II, conforme afirma o historiador José Oscar Beozzo¹.

Entre os brasileiros, é destacado o papel importante de dom Helder Camara, tanto na articulação do episcopado brasileiro, quanto nas redes de relações estabelecidas no Concílio.

Dom Helder Pessoa Camara já no início dos anos 60 dedicou-se à preparação do Concílio Vaticano II. O bispo brasileiro foi um dos religiosos que ajudou a criar no Concílio, o grupo que ficou conhecido como “A Igreja dos Pobres”, expressão contida no livro “Jesus, a Igreja e os Pobres” do padre operário Paul Gauthier.

O registro das atuações e impressões de dom Helder Câmara do Concílio Vaticano II estão contidos em 290 cartas, escritas diariamente para sua equipe no Brasil. O Instituto Dom Helder Camara, IDHec, com o apoio do Governo do estado de Pernambuco, iniciaram a publicação das Obras Completas de Dom Helder Camara, dedicada as

¹ Beozzo, José Oscar, Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965.2001. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP).

circulares que o bispo escreveu de Roma, durante os quatro períodos do Concílio Vaticano II (1962, 1963, 1964 e 1965).

As correspondências das primeiras duas sessões do Concílio foram remetidas a Família São Joaquim, equipe de trabalho pastoral do Rio de Janeiro; e depois, em 1964 e 1965, para a Família Mecejanense, no Recife, para onde dom Helder fora transferido. Mesmo após a ida para Recife dom Helder continuou a enviar também para o Rio de Janeiro.

Místico, poeta, homem de fé, articulador, exímio comunicador; todos esses aspectos transparecem nas missivas romanas:

As cartas foram escritas à mão em papel aéreo, com caneta de tinta, na sua letra inclinada, sempre miúda e apressada, que parecia correr atrás do ritmo veloz de seus pensamentos, sem nunca alcançá-los, dos lampejos de sua imaginação ardente e dos sonhos que queria ver depressa convertidos em realidade palpável.²

Colocado o panorama, e tendo sido recentemente lançadas as Obras completas de dom Helder Camara, produzidas no período (1962-1965), surge a intenção de lançar um novo olhar sobre a participação da representação brasileira no evento, sobretudo no que se refere às questões sociais. O Concílio Vaticano II pode ser revisitado através da visão de um brasileiro nos seus bastidores que propunha uma Igreja mais engajada nas causas humanas e sociais, atenta às necessidades da sociedade moderna.

Relatar as propostas e mudanças ocorridas a partir do Vaticano II, no recorte apontado, é promover o resgate de importantes mudanças na história dos movimentos eclesiais no Brasil. Buscar as raízes da “Igreja dos Pobres” e seu objetivo nos documentos conciliares do Concílio Vaticano II a partir dos escritos deixados por dom Helder Camara é o objetivo deste estudo, além de apontar os desdobramentos das iniciativas no pós-Concílio, no Brasil.

Partindo do testemunho de dom Helder Camara nas missivas romanas e das fontes orais que o acompanharam no período, coloca-se até que ponto o Concílio Vaticano II respondeu as necessidades da Igreja na América Latina, quanto as causas sociais e qual a adesão do prelado brasileiro ao grupo Igreja dos Pobres.

² BEOZZO, José Oscar. “Apresentação” in Luiz Carlos Luz Marques, Roberto de Araújo Farias (orgs.), Dom Helder Camara. Circulares Conciliares. Vol.1. Tomo1.Recife; CEPE, 2009

1 - O CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II

O Concílio Ecumênico Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII no dia 25 de Dezembro de 1961, através da bula papal "Humanae Salutis", e conduzido até o fim pelo Papa Paulo VI. Na história da Igreja, Concílio Ecumênico é a reunião de bispos, feita com regularidade, destinado a dirimir questões de fé, disciplina e moral para a Igreja Católica. Segundo o cânone 337 do Código de Direito Canônico, o Colégio dos Bispos exerce seu poder sobre toda a Igreja, de modo solene, no Concílio Ecumênico.

Entre o ano de 325 após Jesus Cristo e 1563 (Trento, na Itália) celebraram-se 19 Concílios. O propósito do Concílio de Trento cuja abertura deu-se 28 anos depois do rompimento de Martin Lutero com Roma (outubro de 1517) e nove anos depois da primeira edição das Institutas da religião cristã, de João Calvino, em 1536 era fazer frente à Reforma Protestante, a partir de uma profunda reforma do catolicismo romano. O vigésimo Concílio Ecumênico aconteceria mais de três séculos depois, o Vaticano I (1869-1870), interrompido pela guerra da unificação da Itália para condenar o racionalismo e definir o primado e a infalibilidade do Papa³.

A convocação do XXI Concílio Ecumênico, o Vaticano II, não poderia deixar de causar na Igreja e fora dela certa surpresa. Para muitos a "... época dos concílios estava definitivamente encerrada, uma vez que o Vaticano I(1870) proclamara solenemente a infalibilidade doutrinária do Papa e seu primado sobre a Igreja Universal"⁴. É necessário, porém, colocar-se no contexto de época para compreender a necessidade da reunião de toda a Igreja representada, naquele momento, conforme documento de convocação de João XXIII:

A Igreja assiste, hoje, à grave crise da sociedade. Enquanto para a humanidade surge uma era nova, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contacto com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno: mundo que se exalta por suas conquistas no campo da técnica e da ciência, mas que carrega também as conseqüências de uma ordem temporal que alguns quiseram reorganizar prescindindo de Deus. Por isso, a sociedade moderna se caracteriza por um grande progresso material a que não corresponde igual progresso no campo moral.⁵

No período que antecedeu a convocação do Concílio Vaticano II muitos fatores influenciaram a formação de uma nova concepção do mundo, visão esta que acabou

³ Enciclopédia Católica Popular- Disponível em <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>

⁴ Antoniazzi, Alberto e Matos, Henrique Cristiano José. Cristianismo 2000 anos de caminhada.

⁵ Bula Humanae Salutis, de João XXIII (25 de janeiro de 1961)

entrando em choque com a mentalidade da Igreja da Contra-Reforma ainda vigente na época. Quando João XXIII, em janeiro de 1959, anuncia a convocação para o Concílio, o mundo vive em clima de Guerra Fria, mas também de conciliação em razão da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948). É nessa perspectiva, que o Concílio Vaticano II afirmou o direito de todas as pessoas à Liberdade Religiosa, em conformidade com o espírito de total respeito pelos Direitos Humanos.

O teólogo jesuíta Padre João Batista Libânio, em entrevista a rádio Vaticana, explica que a história, também passou a marcar o contexto cultural do Concílio, no momento em que rompe com a concepção estática das formulações das verdades dogmáticas e morais. Segundo o teólogo:

A metodologia histórica vinha sendo empregada em vários campos do pensar moderno, gerando certa relativização dos conhecimentos. Este pensamento histórico quebrou a rigidez escolástica, mostrando que era fruto de um tempo determinado aquilo que se pensava ser “filosofia ou teologia perene”.⁶

No discurso de abertura do Concílio, João XXIII consideraria o início do evento como “dia que promete a luz mais brilhante”, contudo não acena para grandes mudanças quando afirma que o mais interessa ao Concílio Ecumênico é “que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz”.⁷

A crise ética na Europa, como consequência da Segunda-Guerra Mundial, e o impacto cultural promovido pelo desenvolvimento das ciências e pelos conceitos de subjetividade e de autonomia, constituíram fatores que acabaram por contribuir para a formação do pensamento moderno. A Igreja buscava dialogar e interagir com este mundo moderno em pleno desenvolvimento.

O Concílio Vaticano II significou real ruptura em relação a realidade predominante na Igreja Católica até o final do pontificado de PIO II. Essa ruptura caracterizou-se pela passagem de uma ruptura de uma visão pré-moderna do mundo para uma visão moderna. E o Concílio foi esse divisor de águas, ao confeccionar os textos e ao dirigí-los precipuamente ao sujeito social moderno”.⁸

Numa reunião de representantes da Igreja do mundo inteiro cujas realidades se diferenciavam de maneira extrema física, cultura e principalmente economicamente a divisão por grupos de interesse apareceu de maneira natural.

⁶ Entrevista a Rádio Vaticana. Disponível em : <http://www.news.va/pt/news/como-a-historia-marcou-o-contexto-cultural-do-conc>. Último acesso em 10.10.13

⁷ Pesquisa realizada no acervo digital do Vaticano. Discurso de sua Santidade Papa João XXIII na abertura do SS. Concílio. Disponível em: www.vatican.va. Último acesso em 11.09.13

⁸ Libânio, João Batista. Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão. Ed. Loyola, p.13

...o primeiro grupo mostrava grande sensibilidade pelas realidades do mundo e as necessidades de renovação(...) o segundo grupo contava com apoio de significativos setores da Cúria Romana (...)Para eles, a conservação integral do “depósito da fé” era questão vital, junto com a estabilidade da Igreja e o caráter monárquico de sua constituição⁹.

Iniciado em 11 de outubro de 1962, o Concílio, realizado em quatro sessões, só terminou no dia 8 de Dezembro de 1965, já sob o papado de Paulo VI. Neste período, mais de 2000 Prelados convocados de todo o planeta discutiram e regulamentaram vários temas da Igreja Católica .

Destinado a promover o *aggiornamento* da Igreja numa perspectiva de abertura ao diálogo com outras denominações religiosas,o Vaticano II produziu os seguintes documentos: Constituições: dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja; dogmática *Dei Verbum* sobre a divina revelação; *Sacrosanctum Concilium* sobre a sagrada liturgia e pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual.Foram também divulgados 9 decretos e 3 declarações, além da “Mensagem dos padres conciliares à humanidade” de 20 de outubro de 1962 e sete textos lidos mas não votados, apresentados na sessão do dia 8 de dezembro de 1965.¹⁰

Para alguns setores da Igreja na América Latina o Concílio surgiu para reacender esperanças sobretudo quanto a um novo modelo de Igreja preocupada com as classes populares. Dos cerca de 222 religiosos brasileiros que participaram do Concílio no total, um deles, dom Helder Pessoa Camara, registrou em cartas diárias seu desenvolvimento. José de Broucker, biógrafo de dom Helder, relata que o bispo escrevia suas circulares sempre à noite a fim de que o Concílio tivesse um aplicação prática quando terminado¹¹.

O então secretário da Conferência Geral dos Bispos do Brasil (CNBB) carregava consigo a imensa responsabilidade, de partilhar com sua “família” a vivência daquele momento, suas esperanças e planos. Por isso, escrevia as cartas aos seus assessores durante a noite, e todo o material produzido era rigorosamente numerado e datado. Broucker ressalta dois aspectos do caráter circular das correspondências: do original eram datilografadas no Brasil e dirigidas graças ao papel carbono a cada um dos membros de sua família e segundo uma ressalva ao caráter de cartas de missão das circulares, “como de um ministro aos membros de seu gabinete”¹².

Durante o Concílio, o episcopado brasileiro teve participação modesta na Aula Conciliar, nas comissões e assessoria. Contudo, Dom Helder Câmara desempenhou papel importante na articulação do episcopado brasileiro, tanto nas votações quanto nas redes de relações estabelecidas no Concílio. Além da própria CNBB (Conferência Nacional dos

⁹ Antoniazzi, Alberto e Matos, Henrique Cristiano José. Cristianismo 2000 anos de caminhada.

¹⁰ Marques, L.C. Dos tons verdes e amarelos do Concílio Vaticano II. In: História das Religiões no Brasil. Vol. III (Sylvana Maria Brandão de guiar, org.) Recife: Ed: Universitária da UFPE, 2003, p.267-290,

¹¹ BROUCKER, José de. As noites de um profeta. Dom Helder Camara no Vaticano II. Paullus, p. 13

¹² Ibidem, p.14

Bispos do Brasil), os bispos brasileiros ligados à maioria conciliar, sob a liderança de Dom Helder, participaram das redes do CELAM (Conselho Episcopal Latino-americano), da “Igreja dos pobres” e do “Ecumênico”.

Uma grande mudança surgiu na Igreja latino-americana a partir do Concílio, quando esta faz a opção por tornar-se a “Igreja dos Pobres”, muito influenciada pelo pensamento de líderes como dom Helder Camara. Dom Marcelo Cavalheira relata em depoimento sobre dom Helder que “O Concílio Vaticano II encheu de alegria e de esperança o coração de dom Helder. Ele desejava que a Igreja, Esposa de Cristo, estivesse à altura dos novos tempos”¹³.

Para alguns autores Dom Helder Pessoa Camara se antecipou em suas ações à renovação proposta pelo papa João XXIII no Concílio Ecumênico Vaticano II, ocasião em que atuou de forma decisiva na opção preferencial pelos pobres e nas negociações para a criação dos episcopados continentais. O historiador José Oscar Beozzo aponta que a caminhada de dom Helder na Igreja do Brasil, o faria se destacar no Concílio:

Veio Dom Helder ao Concílio, não como um bispo isolado, mas como secretário geral, há exatos dez anos (1952-1962) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a terceira conferência mais numerosa do mundo todo, só suplantada pela italiana e a norte-americana.¹⁴

Luiz Carlos Luz Marques afirma que dom Helder participa dos grupos informais que mais influência tiveram na elaboração dos grandes textos conciliares, especialmente a *Gaudium et spes*, de cuja comissão (Apostolado dos leigos) participa desde 1963. O texto de abertura propôs um nova postura de Igreja às urgências colocadas:

A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e actividade criadora do homem, elas reincidentem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e colectivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflecte também na vida religiosa.¹⁵

¹³ “ Fioretti do irmão Francisco. Dom Marcelo Cavalheira in Helder, o Dom. Uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Or, Zildo Rocha.

¹⁴ Beozzo, José Oscar . Dom Helder Camara e o Concílio Vaticano II. Disponível em : <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=32949>. Acesso em 22.09.13

¹⁵ Gaudiun et Spes –Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje

2- DOM HELDER PESSOA CAMARA

Dom Helder Pessoa Camara nasceu em 7 de fevereiro de 1909. A sua tendência religiosa veio a florescer a partir dos quatro anos de idade, devido à influência dos padres lazaristas, que atuavam no Seminário da Prainha (Arquidiocese de Fortaleza). Na festa da assunção de Nossa Senhora, comemorada no dia 15 de agosto de 1931, o seminarista Helder, foi ordenado sacerdote, por especial autorização da Santa Sé, em virtude de ainda não ter completado a idade mínima exigida para ordenação, que era a de 24 anos.

Sua primeira missa foi celebrada no dia seguinte a sua ordenação, aos 22 anos de idade. Em seguida foi nomeado diretor do Departamento de Educação do Estado do Ceará, cargo que exerceu por cinco anos.

2.1. ATUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL

Os primeiros passos políticos de Dom Helder se deram ainda na sua juventude, na década de 1930, quando via no Integralismo uma forma de preservar os valores da família e da pátria.

A atuação política a serviço dos pobres marcou desde o início a vida missionária de Dom Helder Camara. Em 1932, a convite de Plínio Salgado, o então padre Helder ingressou na Ação Integralista Brasileira (AIB), tornando-se um dos principais líderes do movimento. Porém, o radicalismo dos integralistas tornou-se incomodo para o governo de Getúlio Vargas, que colocou a AIB na ilegalidade. Diante desta medida, a Igreja Católica que mantinha um pacto informal de colaboração com o Governo de Vargas deferiu o afastamento do padre Helder Camara da Ação Integralista Brasileira. Nos anos seguintes, padre Helder teve um árduo caminho na conversão de suas idéias que firmaram-se como humanistas e democráticas.

Na década seguinte, em meio a um cenário de destaque para o Partido Comunista e em que a Igreja Católica perdia espaço com a expansão das denominações protestantes, Padre Helder Camara propôs e organizou uma forte participação católica na vida política do país através dos movimentos de Ação Católica.

Após breve atuação como bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro, então capital do país, de 1952 a 1955, Dom Helder foi promovido Arcebispo Auxiliar, cargo que ocupou de 1955 a 1964. Em seguida, tornou-se o 6º Arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife em abril de 1964.

Sua transferência para a arquidiocese de Olinda e Recife aconteceu em meio a denúncias sobre envolvimento político e com o claro propósito de afastá-lo do centro político-econômico do país.

A princípio, Dom Helder seria transferido para a longínqua e pouco significativa Diocese de São Luiz do Maranhão, já que esse era o único posto episcopal vago no Brasil. Seus opositores, dentro da igreja, desejavam que sendo obrigado a atuar em uma pequena e pouco influente diocese do nordeste, a projeção política social de Dom Helder ficasse comprometida. Para surpresa de todos, Dom Helder foi nomeado Arcebispo da Arquidiocese de Olinda e Recife. Ao assumir a Arquidiocese de Olinda e Recife, na sua mensagem de posse, disse :

Claro que, amando a todos, devo ter, a exemplo de Cristo, um amor especial pelos pobres (...) De nada adiantará venerarmos belas imagens de Cristo, digo mais, nem bastará que paremos diante do Pobre e nele reconheçamos a face desfigurada do Salvador, se não identificarmos o Cristo na criatura humana a ser arrancada do subdesenvolvimento.

O falecimento inesperado de Dom Carlos Coelho, então arcebispo da arquidiocese de Olinda e Recife, abriu essa nova possibilidade. Como afirmam os autores Nelson Piletti e Walter Praxedes na biografia *Dom Helder, entre o poder e a profecia*, “a nomeação para Recife também podia ser interpretada como uma evidência de que o papa aprovava sua linha de atuação”¹⁶.

Em 1964, já terminado o Concílio, Recife representava uma espécie de centro político do Nordeste. Capital de um estado onde o sindicalismo rural, em especial as ligas camponesas se mostravam grandes propagadores da luta pela Reforma Agrária.

No discurso de posse, Dom Hélder, sabendo que seu posicionamento político havia desencadeado a transferência e tendo em vista as expectativas dos ocupantes do poder naquele momento histórico, ousou ao se declarar como o bispo de todos.

“Ninguém se espante me vendo com criaturas tidas como envolventes e perigosas, da esquerda ou da direita, da situação ou da oposição, antireformistas ou reformistas, antirevolucionárias ou revolucionárias, tidas como de boa ou má fé. Ninguém pretenda prender-me a um grupo, ligar-me a um partido, tendo como amigos os seus amigos e querendo que eu adote suas inimizades. Minha porta e meu coração estarão abertos a todos, absolutamente a todos. Cristo morreu por todos os homens: a ninguém devo excluir do diálogo fraterno”¹⁷.

Com esse discurso Dom Hélder deu o tom da sua atuação nos anos que se seguiram: sua proposta era estar acima das intrigas entre direita e esquerda. Seu propósito era promover a vida humana com a conquista da justiça social para todos.

¹⁶ PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. Dom Helder Camara: entre o poder e a profecia. São Paulo. Ática, 1997. p.293.

¹⁷ Ibid,p.303.

2.2 Ditadura Militar

Com o Brasil sob o comando da Ditadura Militar, Dom Helder passou a ser perseguido por defender os presos políticos e denunciar publicamente que o Regime Militar promovia torturas e várias formas de repressão aos membros da oposição ao governo.

Em sua trajetória internacional, Dom Helder contribuiu para a fundação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e, torna-se um dos responsáveis pelas reformas internas na Igreja Católica. A visibilidade nacional e internacional de Dom Helder passou a incomodar os governantes políticos que promoveram um boicote contra a sua indicação para o Prêmio Nobel da Paz. Ao todo foram quatro indicações ao prêmio e por manobras políticas esse reconhecimento a Dom Helder não se concretizou.

Por sua luta pelos direitos humanos, pela justiça social e contra o autoritarismo, Dom Helder Camara entrou em choque com a ditadura militar. Recém-empossado arcebispo de Olinda e Recife divulgou um manifesto¹⁸ apoiando a Ação Católica Operária¹⁹ na capital pernambucana, sendo considerado comunista e virando *persona non grata* para o governo.

Proibido de falar no Brasil, Dom Helder começa a realizar conferências e pregações no exterior. O cerco do regime autoritário se fechou ainda mais quando, pela primeira vez, denunciou ao mundo a tortura a presos políticos no Brasil, num discurso em Paris, em 1970.

Na Igreja Católica, Dom Helder hoje é reconhecido como um verdadeiro profeta. No mundo, sua atuação foi reconhecida por meio de diversas premiações mesmo com todas as campanhas lideradas pelo governo militar para impedir qualquer forma de reverência ao mais influente bispo que o Brasil já teve.

O destaque será a atuação contundente do arcebispo em prol das causas sociais que afluíam na década de 1960, período que coincide com o Concílio Ecumênico Vaticano II, ocasião em que Dom Helder teve oportunidade de atuar nos bastidores e fazer emergir o apelo de uma igreja mais comprometida com as causas sociais e identificada com os empobrecidos.

O lado artístico de Dom Hélder que sempre apreciou e incentivou a criatividade humana não será esquecido. Seus escritos estarão presentes como marcas indelévels de seu espírito entusiasta, sempre jovem e belo.²⁰

¹⁸ O “Manifesto dos Bispos do Nordeste” foi divulgado no dia 14 de Julho de 1966, tratava-se de uma mensagem de apoio a um documento da Ação Católica Operária divulgado em 10 de Maio de 1966, sobre a situação sócio-econômica dos trabalhadores do Nordeste brasileiro e que não agradou a alguns militares.

¹⁹ Ação Católica é a forma organizada de apostolado dos leigos que, no seguimento dos movimentos católicos do séc. XIX, foi incrementada por Pio XI, alcançando grande implantação sobretudo nos países católicos latinos. (Enciclopédia Católica online D. Manuel Franco Falcão disponível em <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>

²⁰ Segundo pesquisa de Nelson Piletti e Walter Praxedes, dom Helder tem 19 obras publicadas e traduzidas para os mais diversos idiomas.

Em suas crônicas que, em boa parte, foram reunidas no livro *Um olhar sobre a cidade*, Dom Helder se apresenta como um exímio escritor. Cativava ouvintes e leitores com estilo simples e imbatível de trazer para seu texto aspectos relevantes da atualidade e da vida humana. Tornava realidades duras e sofridas conteúdo saboroso com observações poéticas e líricas, que se aplicavam e se aplicam ainda hoje ao cotidiano de todos, intelectuais ou analfabetos, ateus ou cristãos.

2.3- VIDA RELIGIOSA COMPROMETIDA COM A PROMOÇÃO DA VIDA

Dom Helder se colocava como grande porta-voz para difundir as idéias que considerava válidas para a promoção da justiça social. Essas idéias vinham basicamente de três fontes: no que se refere à questão do desenvolvimento econômico sua referência era a Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), o economista Celso Furtado, que fazia parte dessa comissão, marcou decisivamente o pensamento econômico de Dom Helder, dele vinha a convicção característica da atuação do arcebispo que não cansava de repetir: “não haverá paz sem justiça” e que o “desenvolvimento é o novo nome da paz”. Na área filosófica e teológica seu referencial era o francês Teilhard de Chardin.

Dom Helder aprendeu nos livros de Teilhard de Chardin uma nova visão do mundo, que a considerava este não como um lugar do qual o cristão deva fugir, mas para o qual deve olhar e amar. Seguindo o filósofo jesuíta, ele passou a considerar o homem como ‘co-criador’, responsável por completar a criação divina.²¹

E, finalmente, suas idéias mais amadurecidas sobre a relação dos países subdesenvolvidos com os países desenvolvidos nasceram da intimidade com a obra madura de Jacques Maritain, filósofo francês de orientação católica. Maritain deu a Dom Helder “o grande impulso que faltava para a conversão de seu pensamento autoritário integralista, numa visão de mundo democrática e pluralista, ao mesmo tempo em que cristã-católica”.

Por ter conhecido Paulo VI, ainda antes de ser indicado papa, e também João XXIII, e através de suas freqüentes viagens internacionais, onde divulgou amplamente suas idéias e denúncias de violações de direitos humanos no Brasil, Dom Helder transformou-se em referência da igreja latino-americana, no contexto internacional. Dom Angélico Sândalo Bernardino, arcebispo emérito de Florianópolis, comenta a relação de dom Helder com os dois papas que conduziram o Concílio:

Dom Helder Camara também participou do Concílio Vaticano II, era amigo pessoal de Paulo VI, conviveu muito com João XXIII de tal forma que ele foi em contato com a realidade com os morros do Rio de Janeiro, com a intensa pobreza, ele foi mudando. Aliás quando chegou ao Rio de Janeiro o cardeal disse assim: Agora você vai deixar esse negócio de Integralismo, e ele deixou. E foi então fazendo uma caminhada de

²¹ PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. Dom Helder Camara: entre o poder e a profecia. São Paulo. Ática, 1997. p.369

encarnação, de compromisso com o povo pobre e aí surge então um profeta já com novas categorias, já com nova mentalidade²².

Entre algumas de suas atividades internacionais, sem entrar em confronto com as orientações do Papa Paulo VI, Dom Helder, contribuiu para a fundação do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) e também trabalhou em favor de reformas internas na Igreja Católica, tornando-se Membro do Conselho Supremo de Imigração, Comissão para Disciplina do Clero, preparatória do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), onde atuou na Comissão Apostolado dos Leigos e Meios de Comunicação Social.

Atuou muito mais nos bastidores do que nas plenárias, e passou a ser chamado constantemente a dar entrevistas e palestras.

Dom Helder foi um dos propositores e signatários do [Pacto das Catacumbas](#), um documento assinado por cerca de 40 padres conciliares, nas catacumbas de Domitila, em Roma, durante o Concílio Vaticano II, depois de celebrarem juntos a Eucaristia. Este pacto teve forte influência na Teologia da Libertação:

Aquilo que a teologia da libertação tematizará, Dom Helder já o dizia – e o vivia, sobretudo – de muitas maneiras. A experiência espiritual cristã nasce do encontro com o Senhor no rosto do pobre. A prática que daí resulta é uma prática que passa a ter como único objetivo a construção do Reino de Deus.²³

²² Depoimento de dom Angélico Sândalo Bernardino, gravado e transcrito do original (Apêndice 2)

²³ Arquivo digital do Centro de Memória Dom Helder Camara. Disponível em <http://www.ccpq.puc-rio.br/nucleodememoria/dhc/textos/mariaclarabingemer.pdf>. Último acesso em 29/09/13.

3- CARTAS CONCILIARES

Durante o Concílio Vaticano II, o episcopado brasileiro ficava hospedado na Domus Marie, sede da ação católica feminina italiana, um amplo espaço para assembleias e conferências, no qual dom Helder sempre marcou presença:

O Brasil não contava com nenhum bispo no Concílio de Trento, 7 no Vaticano I, 194 no Vaticano II. O secretário geral(dom Helder) e a secretária (Agalia Peixoto) do episcopado brasileiro são naturalmente a alma da casa, cuidando e servindo em tudo.²⁴

Nas quatro sessões do Concílio e durante a intercessão de 1963/64 dom Helder escreveu 297 cartas. O religioso tinha como hábito escrever durante a noite, e todo o material produzido era rigorosamente numerado e datado.

Por vontade expressa de João XXIII, o Vaticano II foi um concílio pastoral, isto é, não foi dedicado a condenar erros, mas a procurar a atualização da doutrina da Igreja face à sociedade contemporânea. Contudo, ao Concílio, dom Helder levou esperanças e planos para que a mais grave questão social e religiosa do século- a pobreza- tivesse por parte da Igreja a devida atenção.

O historiador José Oscar Beozzo afirma que o itinerário de dom Helder contribuiu para as suas futuras articulações no Concílio, pois chegava

... não como um bispo isolado, mas como secretário geral, há exatos dez anos (1952-1962) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a terceira conferência mais numerosa do mundo todo (...) Chegava também no quadro do único continente que contava com um organismo de articulação, a América Latina onde, desde 1955, fora fundado o CELAM, Conselho Episcopal Latino-americano, do qual Dom Helder era um dos dois vice-presidentes²⁵.

A tudo, compartilhava diariamente com seus colaboradores do Rio de Janeiro e depois do Recife, que Dom Helder chama de “família do São Joaquim”²⁶, “família de Mecejana”²⁷. Da correspondência somaram-se 297 cartas que revelam os bastidores das 4 sessões do Concílio.

²⁴ Broucker, José de. As noites de um profeta. Dom Helder Camara no Vaticano II., pg49

²⁵ Beozzo, José Oscar . Dom Helder Camara e o Concílio Vaticano II. Disponível em : <http://site.adital.com.br/site/noticia.php?lang=PT&cod=32949>. Acesso em 22.09.13

²⁶ O Palácio São Joaquim, residência do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, abrigava também as modestas salas onde funcionava a CNBB, desde o Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, até ser de lá desalojada pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara depois do golpe militar de 31 de março de 1964 e a ida de Dom Helder Camara para o Recife, e passar para uma sede própria, a Vila Venturosa, no bairro da Glória, em 1964.

²⁷ Mecejana era o bairro onde moro dom Helder em Fortaleza- CE

O tema da Igreja dos Pobres tornou-se um tema recorrente nas missivas romanas. Um grupo de bispos foi organizado informalmente, se reuniam no Colégio Belga com interesse na temática, para denunciar o abismo que separavam a Igreja e os pobres e pedir ao Concílio uma solução.

O Grupo “Igreja dos Pobres” se inspirava na obra “Jesus, a Igreja e os Pobres”, fruto da experiência como operário do padre Paul Gauthier padre-operário que decidira, em 1955, transferir-se para a Palestina, para viver uma vida que fosse a imitação de Cristo. Tornara-se carpinteiro em Nazaré e depois em Belém. Junto dele reunira-se um pequeno grupo de pessoas, de diversas nacionalidades que se haviam autodenominado “companheiros e companheiras de Jesus Carpinteiro”. Em 1962, Dom Hakim, bispo de Nazaré, convidou Gauthier a acompanhá-lo a Roma, onde se iniciava o Concílio Vaticano II. Um mês antes, o Papa João XXIII havia declarado: “A Igreja como é e deseja ser, é a Igreja de todos e especialmente a Igreja dos pobres”. A denominação “Igreja dos pobres” foi então assumida por um consistente grupo de 300 bispos, profundamente convencidos pelas reflexões de Gauthier²⁸. Segundo Beozzo :

Gauthier conseguiu sensibilizar um grupo importante de bispos e peritos, entre os quais o Pe. Yves Congar O.P.²⁹ que escrevera um texto provocativo e profundo como proposta eclesial: “Pour une Église servante et pauvre”, “Por uma Igreja servidora e pobre”. Ao grupo, juntaram-se bispos que estavam próximos da espiritualidade dos Irmãos e Irmãs de Charles de Foucauld, dos padres operários, da Missão da França e bispos que vinham do terceiro mundo, angustiados com a miséria das grandes majorias e preocupados em encontrar saídas para sua pobreza e desamparo.

Segundo alguns estudiosos, é nessa experiência que se situa a “pedra fundamental” da Teologia da Libertação. O grupo formou-se principalmente em torno do Cardeal Lercaro, arcebispo de Bolonha, dos Bispos Helder Camara, do Brasil, Manuel Larraín, do Chile, Ferlier e Mercier, de Lyon e da Argélia respectivamente, todo um grupo de padres por uma Igreja pobre com os pobres”.

Na nona circular de 21 de outubro de 1962, primeira sessão do Concílio, dom Helder partilha com seus colaboradores a introdução do livro do pe. Gauthier, que seria publicado apenas no ano seguinte. Havia um grande expectativa de que fosse realizado “o diálogo entre os dois Mundos” , e assim dom Helder o descreve:

19:30 do dia 29 (29-11-1962). Houve o início do diálogo entre os Dois Mundos. Foi emocionante. Ali, estava na presidência, o sucessor e Mercier³⁰, que se mostrou absolutamente à altura da missão que a Providência lhe confia... Ali estava um resumo altamente representativo

²⁸ Pe. Paul Gauthier faleceu em 2002 aos 88 anos no dia de Natal, em Marselha, França, onde habitava há cerca de 20 anos .

²⁹ O padre francês Yves Congar (1904-1995) é um dos mais importantes teólogos católicos do século XX.

do Mundo sub-desenvolvido e do Mundo desenvolvido. O Pe. Houtart correspondeu de todo às nossas esperanças. Abri o diálogo de que participaram interessadíssimos os dois Mundos. Mas grande mesmo foi Suenens ao encerrar o encontro. Disse verdades fortes e de maneira admirável.³¹

Nos escritos deixados, dom Helder recomenda a seus destinatários no Brasil que madureçam a reflexão de “Igreja dos Pobres” para uma “Igreja Servidora e Pobre”, como proposto pelo pe. Congar, no sentido de que é necessário colocar a Igreja a serviço do combate a pobreza no mundo. Por tantas solicitações, sobretudo de parte da imprensa, dom Helder diz que não pode participar tão assiduamente das reuniões do Grupo da Pobreza, apesar dos relatos apontarem a preocupação do bispo com a causa.

No último encontro do grupo, antes do encerramento da primeira sessão do Concílio, dom Helder diz que chegará às mãos do Papa, à carta assinada pelo grupo da pobreza, e se a idéia não fosse acolhida, o grupo voltaria a se reunir na 2ª sessão, com o compromisso de manterem-se em contato no intervalo e que fossem comunicados os trabalhos pelos pobres e de esforço para viver a pobreza.

Não nos contentamos com um Grupo (por mais numeroso que ele seja). Queremos a Igreja toda, de modo a ajudarmos o Papa a livrar-se das riquezas do Vaticano que tanto escandalizavam e dificultam os caminhos da união³².

A segunda sessão começou sob o papado de Paulo VI, João XXIII falecia em junho de 1963. Na primeira circular deste período, dom Helder conta que esteve reunido com o padre Gauthier e que no grupo havia a aspiração de que o papa escrevesse uma encíclica sobre a pobreza³³. Dom Helder escreve uma carta a Paulo VI, em francês, na qual pede ao Santo Padre um documento sobre o mundo desenvolvido:

Si vous me permettez, Très Saint Père, jê déposerai entre Vos mains un petit documentt sur La situation de l'Amérique Latine ET sur Le role de l'Église dans CE Continent. Et cést à peu-près La situation dès 2/3 du monde³⁴

Posteriormente, dom Helder daria a notícia de que o papa em pessoa, lhe assegurou ter recebido a carta, convocando-o: “Precisamos conversar, antes de seu

³⁰ Desiré Mercier (1851-1926), antigo professor de filosofia da Universidade de Lovaina, na Bélgica, um dos animadores da renovação filosófica e teológica do neo-tomismo, em diálogo com as ciências e a filosofia modernas, foi Cardeal Arcebispo de Malinas-Bruxelas, antecessor do Cardeal Leo Joseph Suenens, nesta prestigiosa sede cardinalícia, e um dos responsáveis pela retomada do diálogo entre católicos e anglicanos, nas célebres “Conversações de Malinas”.

³¹ Circular 46/62, 28/29 de novembro de 1962, p.137

³² Circular 50/62, 3 de dezembro de 1962, p.148

³³ O Papa Paulo XVI publicaria a encíclica *Populorum Progressio* em 1967

³⁴ Anexo: Carta de 30.10.1963, ao papa Paulo VI-Circular 28, 30,31 de outubro de 1963, p.252

regresso ³⁵. A dom Helder continua a incomodar a ostentação e sonhava com uma Igreja em que os pobres se sentissem em casa:

Já é mais duro de ver o patriciado Romano e o Corpo diplomático. Lembram um compromisso com a riqueza e o poder. Enquanto isso o povo fica fora da Basílica e da própria praça de São Pedro, como gado, atrás de umas cercas que transportam o mundo dos bispos e os carros escandalosos que trazem Cardeais e Bispos mais graduados ³⁶

O encontro com o pontífice aconteceu nas reuniões da interseção 1963/ 1964, em março de 1964, quando ocorriam as reuniões das Comissões. Na ocasião, dom Helder já estava informado de sua nomeação para a Arquidiocese de Olinda e Recife. Segundo conta nas circulares dom Helder, Paulo VI o agradeceu pelos trabalho com os pobres no Rio de Janeiro e pela criação da Conferência dos Bispos do Brasil. Quando teve oportunidade, dom Helder falou sobre a situação social da América latina, e especialmente, do Brasil, com a esperança de que esta conversa pudesse dar frutos, quando a opção pelos pobres na Igreja.

Entre as atividades do grupo da Igreja dos Pobres, está uma petição a ser dirigida ao Sumo Pontífice. No documento o pedido para que na cerimônia de encerramento da segunda sessão do Concílio, fossem convidados os operários e pobres de Roma, “representando os operários e os pobres do mundo inteiro”³⁷. No início da quarta sessão, em setembro de 1965, dom Helder traz o encaminhamento do assunto: “Missa dedicada aos Pobres. Tiveram medo da reação dos Pobres de Roma!... Repito: observem a quanta andamos!”³⁸

Dom Helder é o responsável por aprofundar a espiritualidade do desenvolvimento, no grupo Igreja dos Pobres. Para ele, não bastava uma opção individual pelos mais pobres mas que toda a Igreja pudesse fazê-lo:

Para este pastor dos Pobres, a questão da Igreja como um todo é uma questão de fidelidade a Jesus Cristo. E ser fiel é romper com situações anteriores em vista da construção da construção de estruturas mais humanas e justas. E fazê-lo a partir de dentro, do próprio desânimo. Descobrir o caminho libertador a partir da situação real dos pobres.³⁹

Os bispos reunidos deste grupo começam a amadurecer o plano de uma ação em comum, em outubro de 1964:

³⁵ Circular 43/63, 17, 18 de novembro de 1963, p. 307

³⁶ Circular 49/63, 24 de novembro de 1963, p. 329

³⁷ Circ.181, 10 de outubro de 1963, p. 181

³⁸ Circular 11/65, 20/21 de setembro de 1965, pg.31

³⁹ KATHEN, Nelmo Roque ten .Uma vida para os pobres: espiritualidade de Dom Hélder Câmara. São Paulo :Edições Loyola, p.71.

...abrir mão de títulos e adotar estilo simples de vida; de ajudar a despojar a liturgia de todos os acréscimos mundanos e artificiais, de procurar ser de todos, mas de efetivamente assumir , a exemplo de Cristo, uma atitude de preferência para com os Pobres...⁴⁰

Nos quatro anos consecutivos do Concílio, de setembro ou outubro a dezembro, Dom Helder está em Roma para a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. O ano litúrgico termina com esta festa que salienta a importância de Cristo como centro da história universal. É o alfa e o ômega, o princípio e o fim. Esta festa foi estabelecida pelo Papa Pio XI em 11 de março 1925, para reafirmar que Cristo reina nas pessoas com a mensagem de amor, justiça e serviço. Esta festa tem um sentido escatológico na qual a Igreja celebra Cristo como Rei de todo o universo. Na celebração de Cristo Rei, no Vaticano, a realeza e a pobreza são extremos que incomodam ao bispo brasileiro:

Bem que te vestistes de Rei, tal como entendes tua realeza aquina terra, à véspera de tua morte! Mas para consolar-te dos ultrajes recebidos, construímos Templos que são um ultraje a miséria dos nossos tempos, Quando tiraremos consequências práticas de tua identificação com o Pobre e quando aprenderemos a lição forte do julgamento final!?...⁴¹

Na madrugada desta reflexão dom Helder informa que irão comemorar a realeza de Cristo, de outra maneira, na Catacumba de São Calixto para os Companheiros de Nazaré.

O quarto período do Concílio estende-se de 14 de setembro a 08 de dezembro de 1965 quando dá-se sua conclusão. Para os padres conciliares, a grande questão desse período era fazer caminhar as discussões de pontos relevantes do Concílio e encaminhar-se para o encerramento. Dom Helder, com o pensamento à frente, reflete que “O Vaticano II, na expressão do Papa João... nasceu para reformar a própria Igreja... Igreja aberta, arejada, corajosa... que se torne servidora ao invés de Senhora...”⁴²

Com o Concílio se encaminhando para o término, dom Helder sente por obrigação enviar uma Carta ao Papa, no que ele considera “sugestões, nascidas apenas do amor a Deus e do amor aos homens”⁴³.

A propósito da “Igreja Servidora e Pobre”, na carta, dom Helder agradece o exemplo do Papa Paulo VI aos Bispos da Pobreza, com o gesto de doação da tiara pontifícia. No final da segunda sessão do Concílio, em 1963, o Papa a depositou aos pés do altar para não mais ser usada. Desde Clemente V até Paulo VI todos os papas foram

⁴⁰ Circular 22/64, 2,3 de outubro de 1964, pg.85

⁴¹ Circular 24/64, 24/25 de outubro de 1964, pg. 205

⁴² Circular55/65, de 3/4 de novembro de 1965, pg.200

⁴³ Circular58/65, de 6/7 de novembro de 1965, pg. 212

corados com a tiara e a usaram como símbolo da sua autoridade. Para dom Helder aquele gesto do descarte da tiara foi de humildade e identificação com os pobres.

Na correspondência, dom Helder ainda sugere que o Papa se despeça do corpo diplomático, na representação dos núncios em cada país, “É evidente que para o cotidiano, dado o funcionamento pleno da colegialidade Episcopal, os Bispos bastariam para as relações com os Governos”⁴⁴, de maneira que houvesse uma maior aproximação entre os bispos e a Santa Sé.

Nesse momento, dado ao que o Concílio não disse, dom Helder projeta para o futuro caminhar com o que obtiveram:

No entanto, não cabe ao Concílio dizer tudo. Há afirmações implícitas que cabe a nós explicitar. Há conclusões ou aplicações práticas que nos cabe tirar, claro que sem a autoridade do Concílio, mas a luz de seus ensinamentos e no clarão de seu espírito.⁴⁵

Com este espírito é que no dia 16 de novembro de 1965, poucos dias antes do encerramento do Vaticano II, cerca de 40 padres conciliares celebraram uma Eucaristia nas Catacumbas de Domitila, em Roma. Os signatários – entre eles muitos brasileiros e latino-americanos, embora muitos outros aderiram ao pacto mais tarde – se comprometiam a viver em pobreza, a renunciar a todos os símbolos ou privilégios do poder e a pôr os pobres no centro do seu ministério pastoral.

⁴⁴ Circular 58/65, de 6/7 de novembro de 1965, pg. 212

⁴⁵ Circular 63/65, de 11/12 de novembro de 1965, pg.234

4- PACTO DAS CATACUMBAS

O documento fruto das reflexões do Grupo da Pobreza contém treze itens de compromisso. No documento, os bispos reconhecem que vários fatores contribuíram para criar a imagem de uma Igreja institucional rica: os grandes edifícios, as residências quando são superiores às do bairro em que vivem; carros próprios, por vezes luxuosos; a maneira de se vestir, herdada de épocas passadas.

Renunciamos para sempre a aparência e a realidade da riqueza, especialmente nas vestes (tecidos ricos, cores vistosas); insígnias em matéria preciosa... não possuiremos em nosso próprio nome, nem imóveis, nem móveis, nem Contas em Banco. Se for preciso possuir, posemos tudo no nome da Diocese ou de Obras sociais e caritativas...⁴⁶

Segundo pesquisa do pe. Beozzo⁴⁷, do Brasil, participaram da celebração, Dom Antônio Fragoso de Crateús(CE), Dom Francisco Austregésilo Mesquita Filho de Afogados da Ingazeira(PE), Dom João Batista da Mota e Albuquerque, arcebispo de Vitória(ES), o Pe. Luiz Gonzaga Fernandes que estava para ser sagrado bispo auxiliar de Vitória, dias depois, lá mesmo em Roma, Dom Jorge Marcos de Oliveira de Santo André(SP), Dom Helder Camara, Dom Henrique Golland Trindade, arcebispo de Botucatu, SP, Dom José Maria Pires, arcebispo da Paraíba(PB).

Há explícito o compromisso assumido para a volta as dioceses, para que de fato a Igreja se transformasse em pobre e servidora de todos, de uma caridade para com os pobres que ultrapasse o assistencialismo:

Cônscientes das exigências da justiça e da caridade, e das suas relações mútuas, procuraremos transformar as obras de "beneficência" em obras sociais baseadas na caridade e na justiça, que levam em conta todos e todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes. Cf. Mt 25,31-46; Lc 13,12-14 e 33s.⁴⁸

De volta ao Brasil, D. Hélder, fiel ao Pacto das Catacumbas deixou o Palácio de São José de Manguinhos em Recife e foi morar nos fundos de uma velha igreja, a Igreja das Fronteiras, em dois cômodos, sozinho e sem proteção.

Dom José Maria Pires, arcebispo emérito da Paraíba, ao lado de Dom Helder Camara, sempre foi a favor de uma Igreja mais aberta para seus pobres, de uma Igreja que não excluísse suas minorias. Ele explica a perspectiva de integração do povo as lutas locais aplicada por alguns bispos no Brasil, de volta do Concílio:

⁴⁶ Circular 85/1965, de 30 de novembro de 1965, pg.301

⁴⁷ Nota sobre os participantes da celebração do Pacto das Catacumbas

⁴⁸ Circular 85/1965, de 30 de novembro de 1965, pg. 305

Antes nos íamos até o governo pedir os benefícios para o povo, agora depois do Concílio nós vamos com o povo para exigir aquilo que o povo tem direito. Antes nós íamos, agora o povo é quem vai. E nós nos incorporamos ao povo para dar força a ele e ele conseguir aquilo que desejava.

O arcebispo negro que ficou conhecido como dom Zumbi, pela identificação com a causa negra, recorda que na concretização do pacto das Catacumbas, os bispos compromissados com as suas premissas caminhavam agora com o “povo de Deus”:

Quando nós voltamos do Concílio e tendo votado lá que Igreja é Povo de Deus, aqui na América Latina o Povo de Deus que frequenta a Igreja é a grande maioria de pessoas pobres, de pessoas simples, então se é assim por que o bispo vai viver de uma maneira diferente? Modificamos completamente o nosso modo ver, o nosso modo de agir

5 – CONTRIBUIÇÕES DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II PARA A IGREJA NA AMÉRICA LATINA

Tendo em vista o projeto de Igreja, o grupo “Igreja dos Pobres” não alcançou o que esperava do Concílio. O padre Gustavo Gutiérrez, teólogo peruano e sacerdote dominicano, considerado por muitos como o fundador da Teologia da Libertação, afirma que em relação a pobreza, o resultado final, expresso nos documentos, não correspondeu às expectativas.

O Vaticano II alude várias vezes à pobreza, mas não faz dela uma de suas linhas de força... Porém o que compete a uma Igreja que vive num continente de miséria e injustiça é dar ao tema da pobreza a importância devida: um testemunho de que depende a autenticidade da pregação da mensagem evangélica.⁴⁹

O professor de teologia Ney Souza (PUC-SP), em análise das contribuições do Concílio avalia que ao mesmo tempo que o evento trouxe novidades para a Igreja também deixou a desejar ao passo que não colocou no centro questões mundiais “o empobrecimento da população e as expectativas dos fiéis católicos de uma Igreja inserida diretamente no mundo, dialogando”.⁵⁰

A mais importante contribuição, por parte da Igreja, para a unidade e a tarefa essencial do Concílio seria o programa mencionado por João XXIII: aggiornamento. Uma atualização da Igreja, uma inserção no mundo moderno, onde o cristianismo deveria se fazer presente e atuante. O ponto fundamental dos seus discursos estava na explicação clara das falhas da Igreja e na insistência da necessidade de mudanças profundas.⁵¹

Observa-se que, o Vaticano II fora um concílio influenciado principalmente pela realidade européia, abrindo caminho, na *Gaudium et Spes*, para um diálogo com a modernidade. Porém, a liderança de dom Helder Camara, no Brasil, e outros líderes latino-americanos impulsionaram diversas iniciativas que fortaleceram os movimentos populares, como as Comunidades Eclesiais de Base, norteadas pela Teologia da Libertação.

O termo Teologia da Libertação foi usado, pela primeira vez, pelo teólogo peruano Gustavo Gutierrez como título de seu livro, lançado em 1971. Outros importantes

⁴⁹ GUTIERREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p.234

⁵⁰Souza, Ney de. Contexto e Desenvolvimento Histórico do Concílio Vaticano II. Revista de Teologia e Cultura. Ney de Souza. São Paulo. Edição nº 2 - Ano I - Outubro/Novembro/Dezembro 2005. Disponível em : http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/2009/05/contexto_desenvolvimento.pdf. Acesso em : 28/10/2013

⁵¹ Idem

defensores da Teologia da Libertação foram os brasileiros Leonardo Boff e frei Betto e o clero do Peru.

Embora tenha raízes em setores do pensamento teológico europeu, a Teologia da Libertação frutificou na América Latina. Várias foram as razões para isto, entre elas, a grande desigualdade social e as ditaduras militares em vários países do continente; além da abertura gerada pelo Concílio Vaticano II. Sob o tema: “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”, [Medellín](#) apresentou-se como uma releitura do [Concílio Vaticano II](#) para a Igreja na [América Latina](#). Coincide com a Conferência de Medellín, o florescimento da Teologia da Libertação:

Teologia que não se limita a pensar o mundo, mas procura situar-se como um momento do processo através do qual o mundo é transformado: abrindo-se-no protesto ante a dignidade humana pisoteada, na luta contra a espoliação da imensa maioria dos homens, no amor que liberta, na construção de nova sociedade, justa e fraterna- ao dom do reino de Deus.⁵²

O Concílio Vaticano II havia terminado há apenas 3 anos quando aconteceu a Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellín, articulada por dom Helder Camara e D. Manuel Larraín. Os bispos pensaram em um encontro de bispos latino-americanos para aplicar na região os resultados do Concílio. Eles deram a base do encontro de Medellín (1968):

... ele (dom Helder) sem dúvida com Manuel Larraín que é o bispo de Talca no Chile, foram os dois que criaram o caminho pra poder acontecer Medellín, que foi o grande lugar da Teologia da Libertação em 1968, eles tiveram um papel, vamos dizer assim de pais, embora há muitos pais: Gustavo Gutierrez, Pablo Richard, Leonardo Boff...⁵³

A Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizou-se em [Medellín](#), na [Colômbia](#) no período de [24 de agosto](#) a [6 de setembro](#) de [1968](#), convocada pelo [Papa Paulo VI](#) para aplicar os ensinamentos do [Concílio Vaticano II](#) às necessidades da Igreja presente na [América Latina](#). A abertura da Conferência foi feita pelo próprio [Papa](#) que marcou a primeira visita de um [pontífice](#) à [América Latina](#).

O arcebispo emérito da Paraíba, dom José Maria Pires, também conclui que a atenção da Igreja com as questões urgentes da América latina viria com a Conferência:

Medellín foi como que uma aplicação do Concílio Vaticano II a América Latina e aquilo, que muita coisa não ficou clara no Concílio Vaticano II, por exemplo, sobre a pobreza, sobre uma Igreja que cada vez mais se

⁵² GUTIERREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p.27

⁵³ Apêndice 3- Entrevista professor Fernando Altemeyer

aproxima do Povo, Medellín veio traduzir isso de uma maneira muito perfeita, foi como que uma continuação do Concílio.⁵⁴

A ação profética desencadeada na Conferência de Medellín (1968) foi confirmada na Conferência de Puebla (1979), onde se fizeram presentes Paulo VI e João Paulo II.

⁵⁴ Apêndice1- Entrevista com Dom José Maria Pires

CONCLUSÃO

Eu tenho fome e sede de paz. Dessa paz do Cristo que se apóia na justiça. Eu tenho fome e sede de diálogo, e é por isso que eu corro por todos os lados de onde me acenam, à procura do que pode aproximar os homens em nome do essencial... E falar em nome daqueles que são impedidos de fazê-lo.⁵⁵

Essa frase é expressão da fé e da esperança de Dom Helder com os excluídos na sociedade capitalista. Desde o início de seu sacerdócio, Dom Helder testemunhou uma igreja viva e solidária. O Bispo de Olinda ensinou que para fazer uma experiência de fé, os cristãos estão sujeitos ao tempo, ao espaço e aos condicionantes do nosso contexto político-econômico.

D. Hélder ficou até certo ponto insatisfeito com os resultados do Vaticano II. Para o bispo, ali faltara uma centralidade do pobre. Contudo, parte da Igreja no Brasil, liderada por dom Helder Camara caminhou nas décadas que se seguiram ao Concílio para a concretização da Igreja dos Pobres.

O grupo que se chamou da Igreja dos Pobres e que lutou dentro do Concílio para que a Igreja partisse do olhar dos pobres sobre a realidade decidiu aplicar em suas realidades as idéias desenvolvidas, conforme acordado no Pacto das Catacumbas. Muitos deles no pós – Concílio saíram dos palácios para viver em casas simples.

Dom Helder, assim que pode, deixou o Palácio Episcopal de Manguinhos e foi viver pobremente na sacristia da Igreja das Três Fronteiras, no Recife, ou que nunca tenha tido um automóvel ou motorista ou ainda que usasse sua surrada batina branca, com apenas uma cruz de madeira, como insígnia episcopal. Dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo metropolitano de São Paulo, não era do grupo da Igreja dos Pobres, mas ao voltar ao Brasil vendeu o Palácio Pio XII e comprou 400 terrenos pra fazer centros comunitários e igrejas. Dom Antônio Fragoso, bispo da diocese cearense de Crateús, um dos signatários do "Pacto das Catacumbas" fez uma opção clara de dar voz e vez ao povo pobre. Para dom Fragosos, ficou a certeza de que o Vaticano II não era o ponto de chegada, mas o ponto de partida de um processo exigente de conversão pessoal e eclesial.

Observa-se que o Vaticano II, nos 4 anos de sessões, teve dificuldades em acolher o pedido de João XXIII: apresentar ao mundo um rosto novo de Igreja sobretudo da Igreja

⁵⁵ Revista Dom Helder Memória e Profecia no seu Centenário 1909-2009.
(http://www.cese.org.br/admin/fckupload/files/dom_helder_05.pdf. Acesso em 30.mai.2009)

dos Pobres, no entanto, pode-se entender é que a partir dele que o diálogo da Igreja com as realidades -até então ignoradas no sentido de ações que as contemplassem- foi aprofundado. A teologia latino-americana se encaminhou para uma reflexão mais profunda da realidade, da política cuja conclusão aferiria que uma política cristã não se sustentaria sem um compromisso bíblico-cristão com a mudança de estruturas humanas. Foi desenvolvida entre os teólogos, uma consciência muito forte de que o Evangelho tem a ver com a vida, e com a vida toda, com a falta do pão da instrução, do trabalho, mas também dos deveres de todos como cidadão com a construção da sociedade, do mundo diferente. É nessa perspectiva que pensa-se ser inseparável a questão da fé com a vida política vista como a forma de cada um publicamente se empenhar para que as pessoas tenham mais vida.

Dom Helder tinha uma consciência muito clara e profunda que cada pessoa tem uma responsabilidade cidadã e que tem que desdobrar isso também na esfera política e como exigência da fé cristã. Nota-se nas missivas conciliares que o arcebispo emérito de Olinda e Recife tinha um movimento em três tempos: sonhava, pensava, depois ele mobilizava pessoas e criava um movimento. Mas ele era muito cuidadoso de não deixar isso só, solto, ele sempre estava um passo adiante.

No Brasil, Dom Helder fez história como referência na igreja libertadora, fundou a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) a Campanha da Fraternidade que envolve até hoje toda a igreja em temas importantes para a sociedade e, especialmente, incentivou a Ação Católica na luta contra as atrocidades e os crimes contra a dignidade humana no período da Ditadura Militar.

Recentemente o tema da centralidade do pobre e da Teologia da Libertação voltou à tona com o lançamento do livro “Da Parte dos Pobres: Teologia da Libertação, Teologia da Igreja”. O livro é escrito pelo atual responsável pelo ex-Santo Ofício, o alemão Ludwig Gerhard Muller, e pelo teólogo peruano [Gustavo Gutiérrez](#), pai da Teologia da Libertação e inventor da própria fórmula utilizada para definir essa corrente teológica, cujas obras foram submetidas a exames rigorosos durante muito tempo pela Congregação para a Doutrina da Fé, embora nunca tenha sido condenado.

Depois do Concílio Vaticano II, as Comunidades Eclesias de Base cresceram rapidamente pelo Brasil, pela América Latina e também por outros continentes. Os Documentos do Concílio Vaticano II definem a Igreja como Povo de Deus, categoria que a Teologia da Libertação aprofundou, identificando o povo com a base da Igreja e da sociedade. Assim foram organizadas as Comunidades Eclesiais de Base: grupos organizados em torno da paróquia que motivados pela mesma fé vivem uma comunhão em

torno de seus problemas de moradia, saúde, trabalho e lutam por melhores condições de vida. É nesse sentido que o Evangelho é aplicado numa perspectiva libertadora.

Em 1979, reunidos em Puebla, os bispos latino-americanos firmaram o seguinte compromisso:

Como pastores, queremos resolutamente promover, orientar e acompanhar as comunidades eclesiais de base, de acordo com o espírito de Medellín e os critérios da Evangelii Nuntiandi; favorecer o descobrimento e a formação gradual de animadores para elas. Em especial, é preciso procurar como podem as pequenas comunidades, que se multiplicam nas periferias e zonas rurais, adaptar-se também à pastoral das grandes cidades do nosso continente (Pb 648).

A “Igreja Servidora e pobre” como pensada por dom Helder Camara e tantos outros religiosos compromissados com a revolução evangélica que desse dignidade de vida a todo o povo de Deus não se concretizou. Porém, a iniciativa foi semeadura para três realidades que marcaram a história da Igreja da América Latina, a partir das intuições do Concílio Ecumênico Vaticano II: a Opção pelos Pobres, a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base.

APÊNDICE 1: Entrevista Dom José Maria Pires, 94 ano, arcebispo emérito da Paraíba.

O arcebispo emérito dom José Maria Pires conhecido como dom Zumbi por toda sua militância a favor da causa negra e por uma sociedade que respeite as diferenças nos concede hoje uma a entrevista, a Rádio 9 de Julho, da Arquidiocese de São Paulo. Tudo bem com o senhor, dom Jose?

Dom Jose: Tudo bem, graças a Deus

Pergunta: Dom José, o senhor ficou conhecido como dom Pelé, depois ganhou o nome de zumbi, dom Zumbi, como apelido. Aos 94 anos de idade quais as identificações de dom José Maria Pires?

Dom José: No grupo dos bispos eu sou o bispo mais velho do grupo dos afrodescendentes, e na ocasião que eu me ordenei bispo eu era o único. Então como o Pelé estava no auge, ele tinha dezessete anos, começaram a me chamar de dom Pelé. Acontece que posteriormente, no centenário da Abolição, nós fizemos uma romaria até a Serra da barriga que era a sede do Quilombo dos Palmares, aí mudaram meu nome de dom Pelé para dom Zumbi. Por que zumbi foi aquele herói que deu a vida exatamente naquele quilombo da Serra dos Palmares.

Pergunta: Agora, dom José, a gente gostaria de falar com o senhor sobre o Concílio Vaticano II. Agora na festa de Cristo Rei, em novembro, vamos encerrar o Ano da Fé que foi instituído pelo papa emérito Bento XVI e depois conduzido pelo papa Francisco. No dia 11 de outubro de 1962, o papa João XXIII abriu oficialmente os trabalhos do Concílio Vaticano II. O que significou esse momento para o senhor e em que condições o senhor chegou ao Concílio?

Dom Jose: primeiro para nós foi uma grande graça participar do Concílio. Eu e dom Serafim éramos os bispos mais novos. Dom Serafim ainda mais novo do que eu. Havia outros novos mais não do Brasil. E foi uma alegria a gente poder vê aquela solenidade com que o papa, o beato João XXIII entrou lá na Basílica do Vaticano para abrir o Concílio, foi uma cerimônia importantíssima. E essa cerimônia tornou-se mais importante ainda quando na noite daquele mesmo dia, o Papa resolveu falar ao povo, lá mesmo da praça do Vaticano. E aí a lua estava muito bonita, o Papa se referiu a lua, se referiu as mães e pediu que as mães ao chegarem em casa beijassem seus filhinhos e dissessem que era carícia do Papa às crianças. Então, realmente o dia da abertura foi um dia muito bonito, de muita graça, assim nós iniciamos no dia 11 de outubro de 1962, os trabalhos do Concílio Vaticano II.

Pergunta: E como o senhor contextualiza histórica e eclesialmente o Concílio Vaticano II, diante das necessidades de atualização da igreja naquele momento ?

Dom José: Olha, o papa mesmo disse que o Concílio não era pra definir novos dogmas, novas doutrinas, era para sacudir a poeira que se acumulou sobre a igreja no decurso dos tempos. Que a Igreja deveria ser um sinal mostrando a todo o mundo o caminho. As pessoas não podiam enxergar esse sinal, por causa da poeira que se acumulou. Então era preciso sacudir a poeira que se acumulou durante os tempos, deixando a Igreja só com a

sua pureza para que ela pudesse ser uma espécie de farol, para que as pessoas pudessem se conduzir na caminhada dessa vida, tendo aquele farol sempre a frente. Esse foi o grande objetivo do Concílio e realmente ele procurou realizar essa vontade, essa esperança e esse desejo do beato João XIII.

Pergunta: E quanto proposta de promover o aggiornamento da Igreja, como o Concílio levou adiante esse desejo do papa e de toda a Igreja reunida?

Dom José: Realmente se procurou ver naquele período tudo que a Igreja estava realizando e tinha realizado no passado, tomando como bússola as duas palavras com que o Papa caracterizou o Concílio: refontização e aggiornamento. Refontização: voltar as fontes, não parar no século quinto, no século sexto, nem no século terceiro. Os religiosos não pararem na vida dos seus fundadores, mas ir até a fonte. Qual é a fonte? O evangelho e a vida dos primeiros cristãos, mas essa fonte devia ser atualizada por que já estávamos no século XX, então devia ser atualizada. Então tomasse uma doutrina uma visão do século primeiro então atualizá-la, dar uma roupagem nova, usar uma linguagem de hoje. A doutrina era a mesma daquele início, agora a maneira de apresentar essa doutrina é que deveria ser atualizada, isso ele diz com palavra aggiornamento. Refontização: voltar as fontes. Aggiornamento: traduzir essas fontes numa linguagem, num contexto de hoje

Pergunta: Nós temos falado muito sobre a presença brasileira no Concílio Ecumênico Vaticano II. E agente sempre fala bastante do senhor e de dom Helder Camara, que participou como padre conciliar sobretudo nos bastidores e posteriormente também. Primeiro eu gostaria que os senhor falassem em que circunstâncias aqui no Brasil, se deu o encontro do senhor, dom José Maria Pires, com dom Helder Camara.

Dom José: Olha, em primeiro lugar dom Helder e eu participamos da 1ª Conferência Latino Americana que houve depois do Concílio, em 1968, em Medellin. O Concílio tinha terminado há apenas 3 anos. Então Medellin, foi como que uma aplicação do Concílio Vaticano II à América Latina. E aquilo que muita coisa não ficou clara no Concílio Vaticano II, por exemplo sobre a pobreza, sobre a Igreja que cada vez mais se aproxima do povo, Medellin veio tratando disso de uma maneira muito perfeita, como uma continuação do Concílio. Acontece também que naquela época, eu fui transferido de Aracuaí para João Pessoa, arcebispo de Aracuaí para arcebispo de João Pessoa, e dom Helder era o vizinho mais próximo. Então nós fazíamos uma dobradinha muito interessante, eu ia muito ao Recife para estudar questões com dom Helder, vez por outra dom Helder se deslocava do Recife até João Pessoa, para que pudéssemos nos encontrar e estudar juntos essas questões. Porque dom Helder era o presidente do Regional Nordeste II, e quando ele não pode mais ser presidente, terminou o segundo mandato dele, eu assumi a presidência. Mas como dom Helder tinha tanta experiência, todo meu trabalho foi feito assim, procurando tomar dom Helder como modelo e meu mestre. Foi um tempo realmente muito interessante para mim e penso que para dom Helder também que pode dar essa contribuição naquele período de implantação do Vaticano II, aqui na nossa América latina, especialmente no Brasil.

Cleide: Dom José, essa Igreja dos Pobres que o senhor comentou e o grupo formado durante o Concílio. O senhor poderia aprofundar essa reflexão. O que seria essa Igreja

mais simples em contato com os pobres que era desejo de muitos padres conciliares, sobretudo, penso eu, aqueles que viviam mais próximos dessa realidade de pobreza e muitas vezes de miséria.

Isso nós podemos responder com dois fatos. Primeiro fato, depois do Vaticano II os bispos do Brasil e da América latina sentiram que eles deveriam assumir uma situação de mais pobreza. Como? Deixando os palácios indo morar em casas bem simples, bem modestas. Os palácios seriam para as obras sociais. O Palácio de Mabguinhos do Recife, dom Helder transformou num lugar em que podiam funcionar a Cáritas, os Direitos Humanos etc. O Palácio do Carmo em João Pessoa foi transformado do mesmo modo como centro da Cáritas, dos Direitos Humanos e outras necessidades. Quando nós voltamos do Concílio e tendo votado lá que Igreja é Povo de Deus, aqui na América Latina o Povo de Deus que frequenta a Igreja é a grande maioria de pessoas pobres, de pessoas simples, então se é assim por que o bispo vai viver de uma maneira diferente? Modificamos completamente o nosso modo de ver, o nosso modo de agir. Antes nós íamos até o governo pedir os benefícios para o povo, agora depois do Concílio nós vamos com o povo para exigir aquilo que o povo tem direito. Antes nós íamos, agora o povo é quem vai. E nós nos incorporamos ao povo para dar força a ele e ele conseguir aquilo que desejava. Dom Helder fez isso de uma maneira maravilhosa lá no Recife. Nós procuramos acompanhar dom Helder, e o exemplo dele, já que ele era realmente uma pessoa que tinha o dom de Deus para anunciar o Evangelho.

Pergunta: Por tudo isso que o senhor colocou, cinquenta anos depois. Como o senhor analisa a atualidade do Concílio Ecumênico Vaticano II, sobretudo nessa caminhada de opção pelos pobres que como o senhor dizia, digamos assim, ela foi mais absorvida pela Igreja em Medellín e depois em Puebla?

Dom José: Há cinquenta anos da abertura do Concílio eu louvo e agradeço a Deus nos ter dado o papa Francisco que está procurando traduzir nos gestos dele aquilo que foi o Concílio. Com certeza, nesse período que passamos, a gente foi de certo modo se distanciando do Concílio. Então muitos bispos que não viveram o Concílio, vieram depois do Concílio já voltaram aos palácios. Não é que seja ruim voltar ao palácio não, mas é afastar-se do povo. O Povo não vive em palácios então, a gente não tomou o jeito de viver do povo, depois desse período quando o Concílio terminou aqui no Brasil, nós estávamos no período da ditadura, o que obrigava os bispos a ter muita prudência e ter muita coragem para defender aqueles que eram os oprimidos, nos vivíamos um contexto diferente. Hoje o papa Francisco esta fazendo a gente voltar aquela imagem de um Concílio que realmente aproxima os bispos, os padres, do povo. Nos deixamos o modo de viver tradicional, de sentirmos como superiores guiando o povo, mas como aquele que se incorpora ao povo na caminhada. Nós então animados o povo na sua caminhada e não somos os dirigentes principais. Quem dirige é o espírito santo. Nós nos sentimos responsáveis por ajudar o povo a responder os apelos de Deus a toda a Igreja.

Pergunta : Gostaria que o senhor falasse um pouco a respeito da luta em que o senhor sobretudo encampou a favor da causa negra, lutando contra a exclusão. O senhor também enfrentou preconceito nesta mesma Igreja. Hoje a Igreja está mais aberta, tanto fazendo esta opção pela causa dos pobres e pela causa dos negros?

Dom José: Nesse ponto a gente também louva e agradece a Deus as mudanças que houve. O negro no Brasil foi sempre considerado inferior. Ele é menos inteligente, ele é menos capaz, por isso o negro em certo período nem poderia pretender ser padre. Era uma exceção encontrar um sacerdote que não fosse da raça branca. Hoje a coisa é diferente. Ainda quando eu era adolescente eu podia sentir uma exclusão realmente dos negros. Hoje o negro tem o mesmo direito que temos outros na Igreja, porque o negro é diferente mas ele não é inferior. Se ele é diferente ele pode primeiro aprender com os outros os valores que as outras raças tem, segundo ele pode ensinar as outras raças aquilo que ele tem, por exemplo aqui no Brasil, o bem imenso que fizeram os negros em várias coisas, as nossas Catedrais, as nossas igrejas, tudo aquilo foi trabalho dos negros, naquele período eles eram a grande força. Não havia possibilidade de se fazer o que se fez, se não fosse a força do negro, escravo, trabalhado mas construindo a grandeza desse povo. Até os nossos alimentos devem muito a África, o angu, a nossa civilização. Por exemplo, foi a África que nos ensinou a fazer o cafuné. É uma série de valores que vem completar aqueles valores que já tínhamos. Nós indígenas e de origem indígena que recebemos tanto dos portugueses e os negros que vieram como escravos mas que trouxeram uma civilização, uma cultura que realmente valeu demais. No passado se reconheceu isso. Hoje se reconhece: Negro é diferente mas não é inferior, e não sendo inferior nós podemos somar os valores das diversas raças pra gente crescer cada vez mais.

Pergunta: Eu quero agradecer a disponibilidade do senhor, dom José Maria Pires, dom Zumbi, nesta entrevista na Rádio 9 de julho, na Rádio da Arquidiocese de São Paulo.

Dom José: Eu agradeço essa oportunidade de me fazer recordar coisas que foram muito importantes na minha vida de cidadão e na minha vida de padre e de bispo.

Apêndice2 – Entrevista Dom Angélico Sândalo Bernardino



Dom Angélico Sândalo Bernardino

Amigo pessoal de Dom Helder. Tem atuação marcante em favor da população menos favorecida. Foi bispo responsável pelo pela Região Episcopal de São Miguel Paulista quando a cidade de São Miguel Paulista ainda fazia parte da arquidiocese de São Paulo. Foi também bispo responsável pela Região Brasilândia, pertencente a Arquidiocese de São Paulo, no bairro paulistano de mesmo nome. Foi também o primeiro bispo da diocese de Blumenau, de 24 de junho de 2000 até 18 de fevereiro de 2009. Por oito anos foi presidente da Comissão Vocações e Ministérios da CNBB. Faz parte da Comissão dos bispos eméritos.

Pergunta: Como o senhor pode avaliar a atuação de dom Helder como bispo brasileiro?

Resposta: Dom Helder Camara foi e continua sendo um verdadeiro farol, ele é uma luz, essa é que é a verdade. No episcopado ele sempre foi um irmão muito amado e muitas vezes a gente logo que fala de Dom Helder a gente pensa em um homem mais envolvido com questões sociais, mas o Dom Helder Camara ele foi antes de tudo um pastor um homem dedicado ao seu povo, misturado com a sua gente, formador e incentivador de comunidades eclesiais. Como pastor ele dedicou grande parte da sua vida, ou melhor, a sua vida toda. A caridade pastoral foi realmente o elemento unificador de toda sua caminhada. Depois ele foi também um sacerdote e como sacerdote um homem de intensa vida de oração, ele era um homem amigo pessoal de nosso Senhor Jesus Cristo, ele era um homem que passava horas e horas em oração. Posso testemunhar isso, ele quando completou 80 anos passou uma semana aqui no Freguesia do Ó onde eu residia no Seminário e quantas vezes ele ficava, inclusive à noite, horas em oração e centralizou a vida dele na celebração da santa Missa. Depois, ele foi um verdadeiro profeta, ele é mais conhecido nesse campo, porque realmente ele como Jesus que assumiu a condição nossa que é Deus entre nós, mas é verdadeiramente homem, profundamente identificado com a causa da humanidade. Dom

Helder Camara ele gastou a sua vida, ele entregou a sua vida à causa da libertação dos pobres.

Pergunta: Porque Dom Helder foi considerado um bispo polêmico?

Resposta: Bem, todo profeta ele sofre contradições fora da Igreja e também dentro da Igreja é bom que se diga, Dom Helder Camara ele realmente, ele tinha uma trajetória que muitas vezes é desconhecida. Como padre novo, ele ficou padre com 22 anos e meio lá na sua querida fortaleza no Ceará onde ele passou grande parte da sua vida, Dom Helder Camara ele era um homem conservador, ideologicamente falando era conservador, naquele tempo havia também uma bipolarização entre Comunismo e também as forças Integralistas de Plínio Salgado e Dom Helder Camara sempre foi um homem político, não digo partidário, mas sempre realmente exerceu a política no sentido de uma sociedade justa e fraterna e ele então se tornou Integralista e lutou aí. Sempre no Ceará como padre exercendo seu ministério, mas marcadamente no setor da educação, hoje a gente podia dizer que àquela época ele foi secretário de educação lá no Ceará. Depois veio para o Rio de Janeiro onde foi acolhido por Dom Leme e aí ele teve então uma vasta atividade pastoral tanto na edificação, na construção da Conferência Nacional dos bispos do Brasil, ele tem uma mão decisiva nisto aí. E também na Cruzada São Sebastião, Dom Helder Camara também participou do Concílio Vaticano II, era amigo pessoal de Paulo VI, conviveu muito com João XXIII de tal forma que ele foi em contato com a realidade com os morros do Rio de Janeiro, com a intensa pobreza, ele foi mudando. Aliás quando chegou ao Rio de Janeiro o cardeal disse assim: Agora você vai deixar esse negócio de Integralismo, e ele deixou. E foi então fazendo uma caminhada de encarnação, de compromisso com o povo pobre e aí surge então um profeta já com novas categorias, já com nova mentalidade. O Vaticano II abriu a mente e o coração de Dom Helder de par em par, a Ação Católica também teve um papel muito grande na mudança de Dom Helder Camara e profeta militando para que os pobres realmente tenham assegurada a sua dignidade ele sofreu contradições, muitas perseguições durante a Ditadura Militar sem conta. Calúnias, os jornais tiveram que calar aqui no Brasil o nome de Dom Helder Camara. Ele era, sem dúvida alguma, à época o bispo de maior projeção internacional, homem de muitos congressos, de muitas conferências em Universidades na Europa, mas aqui no Brasil ele era proibido de tal forma que ele sofreu contradição porque ele trombou de frente com a Ditadura Militar que veio para salvaguardar os direitos daqueles que já

tinham privilégios nesse país. E também sofreu algumas contradições e incompreensões dentro da própria Igreja. Ele recebeu inclusive uma carta de Roma em uma ocasião em que ele sofria uma certa censura dizendo que ele estava mais se dedicando à problemática social do que a pastoral, quando nós sabemos que a problemática da libertação das pessoas, libertação em Cristo, antes de tudo do pecado, mas também da miséria, de regimes que conspiram contra a dignidade da pessoa humana, isso tudo faz parte da Evangelização.

Então foi esse o quadro em que Dom Helder Camara viveu e exerceu a sua tríplice missão episcopal de ser sacerdote, profeta e pastor.

Pergunta: Dom Helder transitava entre ricos, inclusive do mais alto escalão da sociedade e igualmente entre os pobres. Que carisma pessoal era esse que não deixava ele ter medo e continuar levando o trabalho em frente?

Resposta: O Dom Helder Camara era um nordestino, cearense, pequeno assim de estatura e de uma grandiosidade de alma extraordinária. Um homem ecumênico, do macroecumenismo, do diálogo interreligioso e ele realmente era um homem inteligente, um homem atualizado, ele lia muito e realmente ele circulava, como a sua pergunta sugere, ele circulava nas mais diversas camadas. Se ele teve uma opção evangelicamente ou preferencial pelos pobres ele não deixou de acolher no seu coração a todas as pessoas, anunciando a todos um Deus que é pai, que é misericórdia, que é bondade, que nos manda seu filho Jesus Cristo que dá a vida para que nós tenhamos vida.

Pergunta: Dom Helder fez a opção pelos pobres. A Igreja hoje se aproxima mais desse ideal que ele buscava colocar em prática?

Resposta: Olhe, o Dom Helder Camara ele emerge como uma verdadeira luz num tempo de política internacional de bipolaridade acentuada entre aquilo que se chamava o mundo Comunista e o mundo livre que seria capitaneado pelos Estados Unidos, de tal forma, que foi nesse contexto que nós vivemos intensamente e, inclusive na América Latina com ditaduras militares, com todo um ímpeto de libertação que nascia da organização popular, nós vivemos um tempo realmente de graça fruto do Vaticano II, nós tivemos na América Latina e Caribe memoráveis conferências como a de Medellín, de Puebla, depois veio

também a de Santo Domingo, se bem que a de Santo Domingo já foi vivida num clima diferente, e agora com todo esplendor a Conferência de Aparecida, de tal forma, que foi um tempo que eu diria, de muita efervescência e foi nesse tempo também em que a igreja mais e melhor ela optou evangelicamente pelos pobres. Surgiu também aí a Teologia da Libertação, surgiram as Comunidades Eclesiais de Base com um vigor extraordinário. De tal forma que hoje a configuração internacional, o mapa mudou e a Igreja também nesse mapa procura se readaptar. Eu sempre tenho muito receio de fazer comparações em épocas que foram diferentes, posso dizer que intensamente eu vivi naquele tempo e procura agora intensamente viver nesse tempo. O que é preciso é que nós discípulos de Jesus, e Dom Helder Camara agarrou isso, agarrou o Evangelho, e Jesus ele vai anunciar a Boa Nova aos pobres, ele vai dizer na Sinagoga o Espírito Santo veio sobre mim e me mandou para dar a Boa Notícia aos pobres, para libertar aqueles que estão encarcerados, ele vai nascer em uma gruta e quando morre nú no alto da cruz ele realmente está despojado de tudo, de tal forma que discípulo, e o Dom Helder Camara foi um discípulo maravilhoso de Jesus, tem que seguir essa estrada. Quem é que mais sofre no mundo de hoje? São aqueles que estão à margem e hoje nós sabemos que não são somente pessoas, mais são países inclusive, por exemplo na África, o que se gasta no mundo, e o Helder levantou sempre a voz contra isso, na corrida armamentista quando nós necessitamos de celeiros de trigo e não de bombas atômicas, nós precisamos de escolas não de super bombardeios, e assim por diante, de hospitais, então é um mundo que muitas vezes não caminha pelos caminhos da sanidade mas da insanidade e contra isso dom Helder profeticamente sempre levantou a voz como todos nós discípulos de Jesus e discípulas devemos fazer.

Pergunta: Qual a mensagem central de toda obra, de todo legado que dom Helder deixou?

Resposta: O legado de Dom Helder é um legado, é grito, é um clamor a favor da paz, ele foi um apóstolo da paz e não foi por descuido que o nome dele foi encaminhado para receber o Prêmio Nobel da Paz, por motivos políticos de injunções inclusive, isso não aconteceu, mas no coração de milhões de pessoas no mundo todo Dom Helder Camara recebeu o título de Prêmio Nobel da Paz, sem dúvida nenhuma nas mais diversas regiões aqui do Brasil, da América Latina, em Universidades européias e de outras partes, de outros Continentes ele sempre levantou a voz a favor daqueles que estavam oprimidos, dizendo que um Deus que é pai não suporta que na humanidade haja uma diferença escandalosa de pessoas que estão abastadas, que concentram riquezas fabulosas ao lado de

peças que morrem de fome, então Dom Helder Camara meu amigo pessoal com o qual eu tive longas conversas inclusive, lá na casa dele no Recife, um dia eu era padre jovem bati na porta e ele me acolheu de braços abertos, e ficamos, ele estava muito ocupado e tal, mas não obstante ficamos duas horas conversando. Nas Conferências da CNBB (Conferência Nacional do Bispos do Brasil) e também aqui naquela semana abençoada que ele passou na região Brasilândia, aqui em São Paulo, lá onde eu morava, nós tivemos muitas conversas e o coração de Helder Camara era um coração espriado pelo mundo todo num desejo imenso de que todos tenhamos paz fruto de justiça e de solidariedade e de amor.

Apêndice 3- PACTO DAS CATACUMBAS DA IGREJA SERVA E POBRE

Nós, **Bispos**, reunidos no **Concílio Vaticano II**, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o **Evangelho**; incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós quereria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos Irmãos no Episcopado; contando sobretudo com a graça e a força de **Nosso Senhor Jesus Cristo**, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da **Trindade**, diante da **Igreja de Cristo** e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue:

1) Procuraremos *viver* segundo o modo ordinário da nossa população, no que concerne à *habitação*, à *alimentação*, aos *meios de locomoção* e a tudo que daí se segue. Cf. Mt 5,3; 6,33s; 8,20.

2) Para sempre renunciamos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje (fazendas ricas, cores berrantes), nas insígnias de matéria preciosa (devem esses signos ser, com efeito, evangélicos). Cf. Mc 6,9; Mt 10,9s; At 3,6. Nem ouro nem prata.

3) Não *possuiremos nem imóveis*, nem móveis, nem conta em banco, etc., em nosso próprio nome; e, se for preciso possuir, poremos tudo no nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativas. Cf. Mt 6,19-21; Lc 12,33s.

4) Cada vez que for possível, confiaremos a *gestão financeira e material* em nossa diocese a uma comissão de leigos competentes e cômicos do seu papel apostólico, em mira a sermos menos administradores do que pastores e apóstolos. Cf. Mt 10,8; At. 6,1-7.

5) Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, com nomes e títulos que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...). Preferimos ser chamados com o nome evangélico de **Padre**. Cf. Mt 20,25-28; 23,6-11; Jo 13,12-15.

6) No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir *privilégios, prioridades* ou mesmo uma *preferência* qualquer *aos ricos e aos poderosos* (ex.: banquetes oferecidos ou aceitos, classes nos serviços religiosos). Cf. Lc 13,12-14; 1Cor 9,14-19.

7) Do mesmo modo, evitaremos incentivar ou lisonjear a *vaidade* de quem quer que seja, com vistas a recompensar ou a solicitar dádivas, ou por qualquer outra razão. Convidaremos nossos fiéis a considerarem as suas dádivas como uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social. Cf. Mt 6,2-4; Lc 15,9-13; 2Cor 12,4.

8) Daremos tudo o que for necessário de nosso tempo, reflexão, coração, meios, etc., ao serviço *apostólico e pastoral* das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários compartilhando a vida operária e o trabalho. Cf. Lc 4,18s; Mc 6,4; Mt 11,4s; At 18,3s; 20,33-35; 1Cor 4,12 e 9,1-27.

9) Cômicos das exigências da justiça e da caridade, e das suas relações mútuas, procuraremos *transformar* as obras de "beneficência" em *obras sociais* baseadas na caridade e na justiça, que levam em conta todos e todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes. Cf. Mt 25,31-46; Lc 13,12-14 e 33s.

10) Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos nossos serviços públicos decidam e ponham em prática as *leis*, as *estruturas* e as *instituições sociais* necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmônico e total do homem todo em todos os homens, e, por aí, ao advento de uma outra ordem social, nova, digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus. Cf. At. 2,44s; 4,32-35; 5,4; 2Cor 8 e 9 inteiros; 1Tim 5, 16.

11) Achando a colegialidade dos bispos sua realização a mais evangélica na assunção do encargo comum das massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral - dois terços da humanidade - comprometemo-nos:

- a participarmos, conforme nossos meios, dos investimentos urgentes dos episcopados das nações pobres;
- a requerermos juntos ao plano dos organismos internacionais, mas testemunhando o Evangelho, como o fez o **Papa Paulo VI** na **ONU**, a adoção de estruturas econômicas e culturais que não mais fabriquem nações proletárias num mundo cada vez mais rico, mas sim permitam às massas pobres saírem de sua miséria.

12) Comprometemo-nos a *partilhar*, na caridade pastoral, nossa vida com nossos irmãos em **Cristo**, sacerdotes, religiosos e leigos, para que nosso ministério constitua um verdadeiro serviço; assim:

- esforçar-nos-emos para "revisar nossa vida" com eles;
- suscitaremos colaboradores para serem mais uns animadores segundo o espírito, do que uns chefes segundo o mundo;
- procuraremos ser o mais humanamente presentes, acolhedores...;
- mostrar-nos-emos abertos a todos, seja qual for a sua religião. Cf. Mc 8,34s; At 6,1-7; 1Tim 3,8-10.

13) Tornados às nossas dioceses respectivas, daremos a *conhecer* aos nossos diocesanos a nossa resolução, rogando-lhes ajudar-nos por sua compreensão, seu concurso e suas preces.

AJUDE-NOS DEUS A SERMOS FIÉIS.

Notas:

1. Publicado no livro "*Concílio Vaticano II*", Vol. V, Quarta Sessão (Vozes, 1966), organizado por **Boaventura Kloppenburg** (p. 526-528).

Apêndice 4 – NOTA SOBRE OS PARTICIPANTES DA CELEBRAÇÃO DO PACTO DAS CATACUMBAS

CATACUMBA DE SANTA DOMITILA - ROMA - 16 DE NOVEMBRO DE 1965

Na verdade, tive acesso a duas listas de presença, em diferentes momentos do Concílio (1962 e 1964) dos bispos que participavam do Grupo “Igreja dos Pobres”. Essas listas encontravam-se entre os papéis do Cardeal Lercaro, depositados no Istituto per le Scienze Religiose de Bologna.

Não tenho, porém, a lista daqueles 39 bispos que estiveram na celebração da missa na Catacumba de Santa Domitila no dia 16 de novembro de 1965, quando foi firmado entre eles o Pacto das Catacumbas. Quiseram fazer uma celebração discreta, longe da imprensa, com poucos bispos (inicialmente devia ser para 20 apenas), para evitar que seu gesto de despojamento e compromisso pudesse ser interpretado como uma "lição" aos demais bispos. Tanto assim que a primeira notícia da celebração só apareceu numa nota de Henri Fesquet no Jornal Le Monde, mais de três semanas depois, no dia de encerramento do Concílio, a 8 de dezembro de 1965, sob o título “Un groupe d’évêquês anonymes s’engage à donner le témoignage extérieur d’une vie de stricte pauvreté”, (Henri Fesquet, in Journal du Concile. Forcalquier: Robert Morel Editeur, 1966, pp. 1110-1113). A notícia não citava nomes.

Existe a lista dos que participaram naquela celebração. Ela se encontra entre os papéis de Mgr. Charles Marie Himmer, bispo de Tournai na Bélgica, que presidiu a concelebração daquela manhã e pronunciou a homilia. Trata-se do documento 80 dos "Papiers Himmer" depositado no Arquivo do Vaticano II na Universidade de Louvain. Não tive acesso a esse documento, mas é possível solicitá-lo à universidade, se Jon Sobrino ou o site da PUC-Rio se interessam. M. Lamberigts, professor de História em Leuven e Claude Soetens, também historiador em Louvain-la-Neuve poderiam eventualmente localizar o documento.

Posso dizer que do Brasil, participaram da celebração, Dom Antônio Fragoso de Crateús-CE, Dom Francisco Austregésilo Mesquita Filho de Afogados da Ingazeira, PE, Dom João Batista da Mota e Albuquerque, arcebispo de Vitória, ES, o Pe. Luiz Gonzaga Fernandes que estava para ser sagrado bispo auxiliar de Vitória, dias depois, lá mesmo em Roma, Dom Jorge Marcos de Oliveira de Santo André, SP, Dom Helder Camara, Dom Henrique Golland Trindade, OFM, arcebispo de Botucatu, SP, Dom José Maria Pires, arcebispo da Paraíba, PB.

Fontes e Bibliografia

- ANTONIAZI, Alberto e Matos, Henrique Cristiano José. Cristianismo 2000 anos de caminhada. São Paulo: Paulinas, 1996.
- BEOZZO, José Oscar. A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BÍBLIA, A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.
- BROUCKER, José de. As noites de um profeta. Dom Helder Camara no Vaticano II. São PAULO: Paulus, 2008.
- BURKE, Peter. “História como memória social”. In: Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000.
- CAMARA, Dom Hélder. Revolução dentro da paz. 1 ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- CÂMARA, Helder. *Um Olhar sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. 1ª ed.
- CONDINI, Martinho. Dom Hélder Câmara: um modelo de esperança. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- Constituição Dogmática Lumen Gentium. São Paulo: Paulinas, 2006.
- Constituição Pastoral Gaudium et spes. São Paulo: Paulinas, 2006.
- GUTIERREZ, Gustavo. Teologia da Libertação. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KATHEN, Nelmo Roque ten . Uma vida para os pobres: espiritualidade de Dom Hélder Câmara. São Paulo :Edições Loyola, 1991.
- LIBÂNIO, João Batista. Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo :Ed. Loyola, 2005.
- MARQUES, L.C. Dos tons verdes e amarelos do Concílio Vaticano II. In: História das Religiões no Brasil. Vol. III (Sylvana Maria Brandão de guiar, org.) Recife: Ed: Universitária da UFPE, 2003.
- MARQUES, Luiz Carlos Luz , FARIA, Roberto de Araújo (orgs.), Dom Helder Camara. Circulares Conciliares. Vol.1. TomoI. Recife: CEPE, 2009
- MARQUES, Luiz Carlos Luz , FARIA, Roberto de Araújo (orgs.), Dom Helder Camara. Circulares Conciliares. Vol.1. TomoIII. Recife: CEPE, 2009
- MARQUES, Luiz Carlos Luz , FARIAS, Roberto de Araújo (orgs.), Dom Helder Camara. Circulares Conciliares. Vol.1. TomoI. Recife: CEPE, 2009

PILETTI, Nelson e PRAXEDES, Walter. Dom Helder Câmara: o profeta da paz. São Paulo: Contexto, 2008.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia*. São Paulo. Ática, 1997.

ROCHA, Zildo . *Hélder, o dom: uma vida que marcou os rumos da igreja no Brasil*. São Paulo: Vozes, 2000.

ROCHA, Zildo, SIGAL, Daniel (orgs.), Dom Helder Camara. Pós- Circulares Conciliares. Vol.3. TomoI. Recife: CEPE, 2009

SOUZA, Ney de. Contexto e Desenvolvimento Histórico do Concílio Vaticano II. Revista de Teologia e Cultura. Ney de Souza. São Paulo. Edição nº 2 - Ano I - Outubro/Novembro/Dezembro 2005.

TESES:

Beozzo, José Oscar, Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965.2001. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP).

FILMOGRAFIA

-Dom Hélder Câmara, o santo rebelde. Brasil, 2004. Direção de Erika Bauer.

- *Dom Helder, Pastor da Liberdade*. Dir. César Almeida, Ciro Rocha e Marcos Cirano. Brasil, 2006.

WEBGRAFIA

AÇÃO CATÓLICA. Enciclopédia Católica online D. Manuel Franco Falcão disponível em <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>. Acesso em: 30 de maio de 2009.

COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE. Disponível em: Enciclopédia Católica on line D. Manuel Franco Falcão. <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/> Acesso em 30 de dezembro de 2013.

http://www.cese.org.br/admin/fckupload/files/dom_helder_05.pdf Acesso em Acesso em 20.mai.2013